

Marx/Engels(História)

Org.: Florestan Fernandes

K.MARX

F.ENGELS

Cap. V

F. Engels: Manchester

F. ENGELS: MANCHESTER ^{2*}

Manchester localiza-se aos pés da encosta sul de uma cadeia de colinas que se estreita a partir do Oldham, entre os vales do Irwell e do Medlock, e cuja última extremidade, *Kersall Moor*, forma a pista de corridas e o Mons Sacer¹ [monte sagrado] de Manchester. A cidade propriamente dita situa-se à margem esquerda de Irwell, entre este rio e outros dois menores, o Irk e o Medlock, que deságuam aqui no Irwell. À margem direita do Irwell, limitada por uma acentuada curva do rio, está *Salford* e, mais a oeste, *Pendleton*; ao norte do Irwell situam-se *Higher* e *Lower Broughton* e, ao norte do Irk, *Cheetham Hill*; ao sul do Medlock localiza-se *Hulme* e, mais distante, a leste, *Chorlton-on-Medlock*; e, ainda mais distante, totalmente a ocidente de Manchester, *Ardwick*. Todo este conjunto de casas é vulgarmente denominado Manchester e compreende pelo menos 400 000 pessoas². A cidade é construída de forma tão peculiar que se pode morar nela durante anos, entrar e sair diariamente, sem entrar em contato com um bairro de trabalhadores, ou mesmo com um trabalhador, isto é, desde que se limite a negócios ou a passeios. Isto provém principalmente do fato de que, ou por um tácito acordo inconsciente, ou por uma intenção já consciente, os bairros dos trabalhadores estão rigorosamente separados das partes da cidade reservadas à classe média, ou, quando isto não acontece, estão dissimulados sob o manto da caridade. Manchester possui, em seu centro, um bairro comercial bastante amplo, com aproximadamente meia milha de comprimento e quase o mesmo de largura, que se compõe quase exclusivamente de escritórios e depósitos de mercadorias (warehouses). Quase todo o bairro é desabitado e, durante a noite, solitário e desolado — apenas os policiais que mantêm guarda vagueiam com suas lanternas brilhantes pelas vielas estreitas e escuras. Esta região é entrecortada por algumas ruas principais com muito tráfego e cujos andares térreos são ocupados por lojas luxuosas; nestas ruas encontram-se aqui e ali andares superiores que servem de moradias, nos quais também existe, até bem tarde da noite, muita animação. Com exceção deste bairro comercial, toda a Manchester propriamente dita, toda *Salford* e *Hulme*, uma significativa parte de *Pendleton* e *Chorlton*, dois terços de *Ardwick* e uma única região de *Cheetham Hill* e *Broughton*, não passam de bairros típicos de trabalhadores, que formam um cinturão, de aproximadamente uma milha e meia de largura, em volta do bairro comercial. Mais além, do outro lado deste cinturão, moram a alta e a média burguesias — a média, em ruas regulares, nas proximidades dos bairros dos trabalhadores, particularmente em *Chorlton* e nas regiões situadas mais nas profundidades de *Cheetham Hill*; a alta burguesia, nas mais afastadas casas com jardins, à moda de vilas, em *Chorlton* e *Ardwick*, ou sobre as alturas mais ventiladas de *Cheetham Hill*, *Broughton* e *Pendleton* — numas terras livres, saudáveis, em magníficas e confortáveis vivendas, pelas quais, a cada meia hora ou quarto de hora, passam coletivos que vão em direção à cidade³. E o mais curioso da coisa é que estes ricos aristocratas do dinheiro podem atravessar os bairros operários pelo caminho mais curto em direção aos seus locais comerciais no centro da cidade sem ao menos perceber que se encontram ladeados, à direita e à esquerda, pela miséria mais imunda.

As ruas principais, particularmente aquelas que levam a partir da bolsa em todas as direções para fora da cidade, estão ocupadas em ambos os lados por uma série quase ininterrupta de lojas e, portanto, nas mãos da pequena e média burguesias, que, em seu próprio interesse, mantêm e podem manter uma aparência decente e limpa. Seguramente, essas lojas têm, mesmo assim, algum parentesco com os bairros que se situam atrás delas. Elas são, portanto, no bairro comercial e próximas aos bairros da burguesia, mais elegantes do que aquelas que ocultam as casas sujas dos trabalhadores. Mesmo assim, são suficientes para encobrir, perante as vistas dos senhores ricos e damas com estômagos fortes e nervos fracos, a miséria e a sujeira que formam os complementos do seu luxo e riqueza. Assim, por exemplo, *Deansgate*, que, a partir da Velha Igreja, segue em linha reta

* Reproduzido de ENGELS, F. *Die grossen Städte*. In: *Die Lage der arbeitenden Klasse in England* (A situação da classe operária na Inglaterra). 5. ed. Berlin, Dietz Verlag, 1972. p. 111-20, 139-41. Traduzido por Régis Barbosa. Revisão técnica da tradução e notas explicativas por José Paulo Netto.²

¹ Engels faz referência à tradição histórica romana: afirma-se que em Roma, por volta de 494 a.C., os plebeus em revolta contra os patrícios reuniram-se no Monte Sagrado; em *Kersall-Moor* reuniam-se os operários de Manchester. (N.R.T.)

² As vilas de *Hulme*, *Chorlton-on-Medlock*, *Ardwick* e *Cheetham*, assim como o bairro de *Beswick*, foram subordinados administrativamente a Manchester em 1838. Esta cidade, em 1844, contava 235 000 habitantes; portanto, Engels refere-se aqui a população de toda a área e não apenas à de Manchester. (N.R.T.)

³ Este êxodo das camadas sociais privilegiadas para a periferia da cidade deu-se por volta de 1840, como informa HAYES, L. M. *Reminiscences of Manchester and some of its local surroundings from the year 1840*. 1905, p. 51. (N.R.T.)

em direção ao sul, ao início é construída com depósitos de mercadorias e fábricas, em seguida com lojas de segunda categoria e algumas casas de cerveja; mais ao sul, onde ela deixa o quarteirão comercial, com lojas de má aparência; quanto mais se anda, mais e mais suja se torna, intercalada por tabernas e casas de aguardente, até que, no final sul, a aparência das lojas não deixa nenhuma dúvida de que somente trabalhadores, e apenas trabalhadores, são seus clientes. O mesmo ocorre com Market Street, que corre para sudoeste a partir da bolsa; no início, lojas brilhantes, de primeira linha, e, nos andares superiores, escritórios e depósitos de mercadorias; em seguida, na continuação (Piccadilly), colossais hotéis e depósitos de mercadorias; mais à frente (London Road), nas cercanias do Medlock, fábricas, bares, lojas para a pequena-burguesia e trabalhadores; depois, no Ardwick Green, casas para a alta e média burguesias e, a partir daí, grandes jardins e casas de campo para os mais ricos fabricantes e comerciantes. Qualquer pessoa que conheça Manchester pode, deste modo, *imaginar*, a partir das ruas principais, como são os bairros adjacentes, mas raramente consegue-se daí visualizar os *verdadeiros* bairros dos trabalhadores. Sei muito bem que esta hipócrita disposição de construções é mais ou menos comum a todas as grandes cidades; sei também que os comerciantes varejistas, devido à natureza mesma de seus negócios, precisam tomar para si as grandes ruas mais movimentadas; e sei que nestas ruas tem-se, por toda parte, mais casas boas do que ruins, e que em suas proximidades os valores dos terrenos são mais altos do que nas regiões mais afastadas. Jamais encontrei, porém, em qualquer outra parte, como em Manchester, ao mesmo tempo, um tão sistemático isolamento da classe trabalhadora em relação às ruas principais, e um tão delicado encobrimento de tudo aquilo que possa ferir as vistas e os nervos da burguesia. E justamente Manchester é construída menos segundo planejamentos ou regulamentos policiais; ao contrário, é-o mais pelo acaso que qualquer outra cidade; e quando, de passagem, eu considero o zeloso protesto da classe média, de que tudo ao trabalhador iria excelentemente, pressinto que os fabricantes liberais, os *big whigs*⁴ de Manchester não seriam assim tão inocentes nesta vergonhosa forma de construção.

Já mencionei que quase todas as instalações das fábricas se adaptam ao curso dos três rios ou dos vários canais que se ramificam através da cidade; passo agora à descrição dos próprios bairros dos trabalhadores. Em primeiro lugar, há a cidade velha de Manchester, situada entre a fronteira norte do bairro comercial e o Irk. Aqui as ruas, mesmo as melhores, são estreitas e sinuosas — tais como Todd Street, Long Millgate, Withy Grove e Shude Hill —, as casas sujas, velhas e ruínas, e o modo de construção das ruas laterais é totalmente horrível. Quando se entra na Long Millgate, a partir da Velha Igreja, tem-se, logo à direita, uma série de casas antiquadas, das quais não restou nenhuma fachada na vertical; são os restos da velha Manchester pré-industrial, cujos moradores antigos se mudaram com seus descendentes para bairros melhor construídos, deixando para uma raça de trabalhadores fortemente mesclada com sangue irlandês as casas que, para eles, estavam muito ruins. Aqui encontra-se realmente um quase indistigível bairro de trabalhadores, pois mesmo as lojas e tabernas da rua não se dão ao trabalho de parecerem limpas. Isto ainda não é nada em comparação com os becos e pátios que se situam por trás, aonde somente se chega através de passagens cobertas, estreitas, pelas quais não podem passar duas pessoas ao mesmo tempo. Não se pode fazer nenhuma idéia da desordem, da cínica incompatibilidade com toda arte de construção, do aperto com que as casas, formalmente, são coladas umas nas outras. Isto não vale apenas para as construções que datam da antiga Manchester. A confusão, em épocas recentes, atingiu o ponto máximo porque, em toda parte, onde o modo de construção da época anterior havia deixado o menor espaço livre, construiu-se e remendou-se até que, finalmente, não restou entre as casas nenhuma polegada de espaço que pudesse ser aproveitada.

[...] A margem do Irk é aqui, do lado sul, muito íngreme e tem entre quinze e trinta pés de altura. Nesta encosta escarpada estão plantadas ainda, na maioria dos casos, três filas de casas, das quais as mais baixas se levantam diretamente do rio, enquanto as paredes dianteiras das mais elevadas se situam ao nível do ponto mais alto da colina, em Long Millgate. De entremeio, à beira do rio, estão ainda as fábricas. Em resumo: o tipo de construção aqui é tão desordenado e estreito como na parte baixa de Long Millgate. À direita e à esquerda, uma grande quantidade de acessos cobertos conduzem da rua principal aos diversos pátios, e, quando aí se penetra, entra-se numa sujeira e numa asquerosa falta de higiene incomparáveis — sobretudo nos pátios que partem para o Irk e que, na realidade, abrigam as moradias mais horríveis que encontrei até agora. Em um destes pátios, logo no começo,

⁴ Grandes liberais, personalidades importantes. (N.R.T.)

onde termina este acesso, fica uma latrina que não tem nenhuma porta e é tão suja que os moradores apenas podem entrar ou sair do pátio atravessando um charco de urina podre e excrementos que a rodeiam; se alguém quiser vê-lo, é o primeiro pátio junto ao Irk, acima de Ducie Bridge⁵; abaixo, ao nível do rio, situam-se vários curtumes, que empestam toda a região com o mau cheiro, da decomposição de matérias orgânicas. Para os pátios abaixo de Ducie Bridge, na maioria das vezes, descem-se escadas sujas e estreitas e alcançam-se as casas somente transpondo montes de entulho e lixo. O primeiro pátio abaixo de Ducie Bridge chama-se Allen's Court e estava, no tempo da cólera⁶, em tais condições que a polícia sanitária o mandou evacuar, limpar e desinfetar com cloro. Numa brochura⁷, o Dr. Káy oferece uma descrição chocante da situação deste pátio nessa época. Desde então, parece que foi parcialmente destruído e novamente reconstruído — a partir de Ducie Bridge para baixo, ainda se vêem várias ruínas de muros e altos montes de entulho, ao lado de algumas casas de construção mais recente. A visão a partir dessa ponte — delicadamente encoberta aos menores mortais por meio de um parapeito amurado da altura de um homem — é característica para todo o bairro. Embaixo corre, ou melhor estagna, o Irk, um rio escuro, mal cheiroso, cheio de entulhos e lixo, que se amontoam na margem direita, mais plana; com tempo seco, fica aí uma longa fila de poças de lama verde-escura, asquerosíssima, de cuja profundidade sobem permanentemente bolhas de gases miasmáticos, das quais se desprendem um cheiro que, mesmo para os que estão em cima da ponte, quarenta ou cinquenta pés acima do nível da água, torna-se insuportável. O próprio rio é retido ainda por altas barragens, detrás das quais se acumulam lama e detritos em grande volume, que aí apodrecem. Acima da ponte ficam curtumes, mais adiante tinturarias, moinhos de ossos e fábricas de gás, cujos escoamentos e restos, sem exceção, são jogados no Irk, o qual ainda recebe o conteúdo das latrinas e das cloacas ligadas a ele. Pode-se então imaginar qual a qualidade dos resíduos que o rio deixa para trás. Abaixo da ponte, vêem-se, na íngreme margem esquerda, montes de entulhos, de lixo, sujeiras e restos nos pátios; uma casa fica sempre colada atrás da outra e, por causa da margem íngreme, pode-se ver um pedaço de cada casa — todas pretas de fumaça, desmoronadiças, velhas, com vidros e as armações das janelas quebrados. Velhas fábricas, semelhantes a quartéis, formam o fundo. Sobre a margem plana, à direita, situa-se uma longa fila de casas e fábricas — logo a segunda casa é uma ruína, sem teto, cheia de entulhos, e a terceira é tão baixa que o andar inferior é inabitável e, por consequência, sem janelas ou portas. Aqui, o que forma o fundo é o cemitério dos pobres, as estações das ferrovias de Liverpool e de Leeds e, mais atrás, a Casa do Trabalho, a "Bastilha da Lei dos Pobres" de Manchester⁸, que do alto do monte, como uma cidadela cercada de altos muros, observa ameaçadoramente o bairro dos trabalhadores que se estende à sua frente.

Acima de Ducie Bridge, a margem esquerda torna-se mais plana e a direita, ao contrário, mais íngreme; no entanto, em ambas as margens do rio, as condições das moradias pioram. Quando se parte da rua principal — sempre ainda Long Millgate — e se vai para a esquerda, aí então é que se está perdido: passa-se de um pátio ao outro, segue-se de uma esquina à outra, através de vários becos e passagens sujas e estreitas, perdendo-se, após alguns minutos, todo o sentido de direção sem se saber mais para onde dirigir-se. Por toda parte, construções total ou parcialmente destruídas — algumas são realmente inabitáveis, o que é muito significativo aqui. — Nas casas, raramente há um piso de tábuas ou de pedras, quase sempre portas e janelas quebradas e empenadas e sujeira — montes de entulho, lixo e imundície; poças de lama em vez de esgotos, e um cheiro que, por si mesmo, impediria qualquer pessoa razoavelmente civilizada de morar em tal distrito. A nova construção do prolongamento da ferrovia de entulho e lixo; se havia por baixo algum tipo de calçamento, não se

⁵ Tratava-se de uma ponte sobre o Irk. (N.R.T.) «Por volta de 1832. (N.R.T.)

⁶ Por volta de 1832 (N.R.T.)

⁷ The moral and physical condition of the working classes, employed in the cotton manufacture in Manchester [A condição moral e física da classe trabalhadora empregada na manufatura de tecidos de algodão de Manchester], por James Ph. Kay, dr. med., 2. ed., 1832. Confunde a classe trabalhadora em geral com a classe dos trabalhadores fabris, mas, no geral, é excelente. (N. de E.) [Outra descrição de Allen's Court encontra-se em GAULTER, H. The origin and progress of the malignant cholera in Manchester. 1833, p. 50-1. (N.R.T.)]

⁸ A instituição das workhouses data dos inícios do século XVII (Poor relief Act, 1601); em 1834, elas sofrem modificações, juntamente com a legislação sobre a pobreza (Poor Laws). Os desempregados eram recolhidos às casas de trabalho para trabalhar compulsoriamente por um salário simbólico, inferior ao mínimo estabelecido nas indústrias. A caracterização das workhouses como "Bastilhas da Lei dos Pobres", "Bastilhas do proletariado", era generalizada entre o movimento Operário inglês da época, e comparece igualmente no Discurso sobre o problema do livre-câmbio, que Marx pronunciou em 9 de janeiro de 1848 na Associação Democrática de Bruxelas (N.R.T.)

podia ver, mas apenas, aqui e ali, simplesmente senti-lo com os pés. Todo o montão de estábulos, habitados por pessoas, era limitado em dois lados por casas e uma fábrica e, no terceiro lado, pelo rio, com exceção do estreito caminho marginal, apenas uma apertada porta conduzia à saída — a um outro labirinto de moradias, quase igualmente mal construído e mantido.

Estes exemplos bastam. Deste modo é construída toda a margem do Irk, um caos de casas jogadas ao acaso, que mais ou menos estão próximas de serem inabitáveis e cujos interiores sujos correspondem totalmente ao imundo ambiente. E como podem as pessoas ser limpas? Nem mesmo para a satisfação das mais naturais e corriqueiras necessidades existem condições. As latrinas são aqui tão raras que ou ficam cheias todos os dias, ou ficam muito afastadas para a maioria dos moradores. Como podem as pessoas se lavar, se só há por perto as águas imundas do Irk e somente nos bairros decentes da cidade existem sistemas de canalização e bombas de água? Na verdade, não se pode censurar a estes hilotas da sociedade moderna que as suas moradias não sejam mais limpas que os chiqueiros que se encontram freqüentemente no meio delas. Quanto aos proprietários de casas, eles não se pejam em alugar moradias como os seis ou sete porões junto ao cais, logo abaixo da Scotland Bridge⁹, cujos pisos estão pelo menos dois pés abaixo do nível das águas — com águas baixas — do Irk, correndo numa distância de seis pés daí; ou como o andar superior da casa de esquina, sobre a margem oposta, logo acima da ponte, cujo andar térreo é inabitável sem que se preencham todos os buracos das portas e janelas — e este é sempre um caso que não raramente se apresenta em todos os arredores, onde, costumeiramente, este andar inferior é usado como latrina, dada a inexistência de locais apropriados em toda a vizinhança.

Deixemos o Irk, para de novo nos metermos no meio das moradias dos trabalhadores, do lado oposto de Millgate. Chegamos assim a um bairro um pouco Leeds, que atravessa o Irk por aqui, destruiu uma parte destes pátios e vielas, deixando, porém, outras à vista. Assim é com um pátio diretamente abaixo do viaduto da estrada de ferro, que ultrapassa todos os demais em sujeira é monstruosidade, e que até agora estava tão fechado e retirado que apenas com esforço se poderia alcançá-lo. Eu mesmo não o teria jamais encontrado, não fora através da abertura feita pelo viaduto da ferrovia, apesar de acreditar conhecer muito bem toda essa região por aqui. Sobre uma escabrosa margem, chega-se, entre postes e varais de roupas, a um caos de pequenos casebres, de um só andar e um cômodo, dos quais a maioria não tem pisos artificiais — cozinha, sala e quarto, tudo junto. Num desses buracos, que teria apenas seis pés de comprimento por cinco de largura, vi duas camas — e que camas! — que, junto a uma escada e um fogão, enchiam todo o quarto. Em muitos outros, não vi absolutamente nada, apesar de a porta estar aberta e os moradores encostados juntos a ela. Frente às portas, por toda parte, mais novo, que se prolonga desde a igreja de St. Michaelis até Withy Grove e Shudehill. Aqui existe, pelo menos, um pouco mais de ordem; em vez do tipo de construção caótico, encontramos aqui ruas e vielas longas e retas, na maioria dos casos, e pátios quadrangulares, intencionalmente construídos; mas como anteriormente era cada casa, assim é aqui, pelo menos, cada viela, cada pátio, arbitrariamente construído, e sem qualquer consideração sobre a situação dos demais. Ora corre uma viela nesta direção, ora corre naquela, a todo instante penetra-se numa ruazinha sem saída ou numa esquina fechada, que conduz de volta ao ponto de onde se saiu. Quem não morou um bom tempo neste labirinto, não consegue passar através dele. A ventilação das ruas — caso eu deva usar esta palavra para este bairro — e dos pátios é tão incompleta como nos arredores do Irk. E se, contudo, este bairro possui alguma coisa melhor em relação ao vale do Irk — as casas são seguramente mais novas, as ruas têm, ao menos por enquanto, canos de esgoto —, ele tem, em cada casa, uma moradia no porão, o que, no vale do Irk, devido ao tipo desleixado das construções e à idade das casas, era raro acontecer. Quanto ao resto, em ambos os bairros há sujeira, montes de cinzas e de entulhos, poças de lama nas ruas e, no bairro sobre o qual agora estamos falando, encontramos ainda uma outra circunstância que para a higiene dos moradores é muito desfavorável: a quantidade de porcos que aqui perambulam por toda parte, nas vielas, que fuçam os lixos ou estão presos nos pátios em pequenos chiqueiros. Os criadores de porcos alugam aqui os pátios, assim como na maioria dos bairros dos trabalhadores, e colocam neles chiqueiros; em quase todo pátio existe um tal canto cercado ou até vários, nos quais os moradores jogam todos os detritos e imundícies, com que engordam os porcos, o que empesta a atmosfera destes pátios fechados nos quatro lados, devido às matérias animais e vegetais em decomposição.

Há pouco foi aberta uma rua larga, bastante agradável — Millers Street — através deste bairro e com aparente sucesso foi encoberto o fundo. Mas se alguém deixar-se levar pela curiosidade e

⁹ Outra ponte sobre o Irk. (N.R.T)

passar através dos inúmeros acessos que conduzem aos pátios, pode literalmente a cada vinte passos rever esta porcaria.

Tal é a antiga cidade de Manchester — e quando releio mais uma vez minha descrição, preciso reconhecer que em vez de exagerada não é nem de longe suficientemente penetrante para tornar visível a sujeira, a decadência, a inabitabilidade e o tipo de construção incompatível com toda consideração sobre limpeza, ventilação e saúde deste bairro, que abriga pelo menos vinte a trinta mil moradores. E um tal bairro existe no centro da segunda cidade da Inglaterra, a primeira cidade industrial do mundo! Se alguém desejar ver de quão pouco espaço precisam as pessoas para movimentar-se, de quão pouco ar — e que ar! — necessitam para respirar e como podem sobreviver com tão pouca civilização, então basta-lhe apenas vir para cá. É, todavia, a *antiga* cidade — e a isto recorre a gente aqui, quando se lhes fala sobre a horrível situação deste inferno sobre a terra —; mas o que significa isto? Tudo o que mais intensamente provoca o nosso desprezo e nossa indignação é de origem nova, pertence à *época industrial*. Estas centenas de casas que pertencem à antiga Manchester, já foram há muito abandonadas pelos seus antigos moradores; somente a indústria as abarrotou com os bandos de trabalhadores que agora são alojados ali; somente a indústria construiu em cada pequeno espaço entre as antigas moradias um teto para as massas que ela removeu dos campos e da Irlanda; somente a indústria permitiu, aos proprietários desses chiqueiros, alugá-los a pessoas por altos preços e fazê-los de moradia, explorar a pobreza dos trabalhadores, estragar a saúde de milhares, para que *eles* se enriqueçam; somente a indústria conseguiu tornar possível que o trabalhador apenas recém-libertado da servidão pudesse outra vez ser usado como simples material, como *objeto*, que ele tenha que se deixar trancar numa moradia que para qualquer outro seria péssima, e que ele agora, com seu dinheiro sacrificado, tenha o direito de deixar-se arruinar totalmente. Somente a indústria fez isto, ela que, sem estes trabalhadores, sem a sua pobreza e a sua escravidão, não poderia existir. É verdade que a construção originária deste bairro era ruim, não se poderia fazer muita coisa boa dele — mas algo foi feito pelos proprietários e pela administração para melhorar as construções anteriores? Ao contrário, onde ainda existia um cantinho livre, colocou-se uma casa, onde existia uma saída excedente, fechou-se; os valores dos terrenos subiram com o florescimento da indústria, e quanto mais este valor crescia, tanto mais freneticamente se construía, sem consideração sobre a saúde e o conforto dos moradores — *nenhum barraco é tão ruim que não se encontre sempre um pobre que não pode pagar outro melhor* —; a única consideração é sobre o maior lucro possível. Trata-se, porém, da antiga cidade, e com isto tranquiliza-se a burguesia.

[...]

[...]

[Guard[ian], 10 de agosto. Bolton — Um dos mesmos [merceeiro]¹⁰ condenado a pagar multa de 5 xelins.

E as mesmas causas da fraude na qualidade das mercadorias, que recaem principalmente sobre os trabalhadores, fazem deles também as vítimas da fraude quantitativa.

A alimentação costumeira do trabalhador individual varia, naturalmente, segundo o seu salário. Os trabalhadores melhor pagos, especialmente aqueles que são trabalhadores fabris e dos quais cada membro da família é capaz de ganhar algo, têm condições, enquanto dura esta situação, uma boa alimentação, carne diariamente e, à noite, toucinho e queijo. Onde se ganha menos, encontra-se carne

¹⁰ No trecho imediatamente anterior, Engels arrola notícias do Manchester Guardian que dão conta dos delitos e fraudes praticados nos bairros operários pelos comerciantes. (N.R.T.)

só aos domingos, ou duas a três vezes por semana e, para substituí-la, mais batatas e pão; ao descermos gradualmente, encontramos os alimentos animais reduzidos a um pouco de toucinho cortado em cima das batatas — mais para baixo, desaparece isto também, e restam apenas queijo, pão, mingau de aveia (porridge) e batatas, até, no grau mais baixo, com os irlandeses, consistindo a alimentação unicamente em batatas. Acompanhando isso, toma-se geralmente um chá fraco, às vezes misturado com um pouco de açúcar, leite ou aguardente; o chá é considerado, na Inglaterra, e até na Irlanda, uma bebida igualmente necessária e indispensável, como o café para nós, e onde se deixa de tomar chá, aí domina sempre a mais extrema pobreza. Tudo isto, porém, pressupõe que o trabalhador tenha um emprego; quando não o tem, fica totalmente por conta do acaso e come o que lhe dão, o que mendiga ou o que rouba; e quando não obtém nada, simplesmente morre de fome, como já vimos. Entende-se obviamente que a quantidade dos alimentos, assim como a sua qualidade, dependem do salário, e que os trabalhadores pior pagos sofrem fome se têm uma família grande, apesar de que estejam trabalhando regularmente. O número destes trabalhadores mal pagos é muito grande. Particularmente em Londres, onde a concorrência entre os trabalhadores cresce na mesma medida que a população, esta classe é muito numerosa; mas a encontramos também em todas as outras cidades. Nestes casos, procuram-se vários meios de subsistência: comem--se cascas de batatas, restos de verduras ou vegetais apodrecidos¹¹ na falta de outros alimentos, e busca-se avidamente tudo o que possa conter, talvez, um átomo de matéria nutritiva. E quando o salário semanal é consumido antes do final da semana, ocorre freqüentemente que a família, nos últimos dias, não recebe nenhum alimento, ou apenas o indispensável para não morrer de fome. Este modo de vida provoca, inevitavelmente, doenças em grandes quantidades, e quando estas aparecem, particularmente no homem, então a miséria é muito grande, porque a família vive principalmente do trabalho dele, e este, devido a sua atividade pesada, precisa da maior parte dos alimentos e é, portanto, o primeiro a sucumbir. Neste momento, apresenta-se a brutalidade ainda mais crua com que a sociedade abandona seus membros quando eles mais precisam do apoio dela.

Resumamos, por fim, os fatos citados. As grandes cidades são principalmente habitadas por trabalhadores, visto que, no melhor dos casos, há um burguês para cada dois, freqüentemente também para três, aqui e ali quatro trabalhadores. Estes trabalhadores não têm absolutamente nenhuma propriedade e vivem do salário, que quase sempre passa da mão para a boca; a sociedade, dissolvida em simples átomos, não se preocupa com eles, deixa-os manter-se a si mesmos e suas famílias, e, além disso, não lhes fornece os meios necessários para fazê-lo de um modo permanente e eficiente. Cada trabalhador, até o melhor, é por isso constantemente exposto à possibilidade de perder o emprego e o pão, isto é, a morrer de fome, e muitos sucumbem. As moradias dos trabalhadores são, sem exceção, mal arranjadas, mal construídas, mantidas em más condições, mal ventiladas, úmidas e insalubres; os habitantes são confinados no menor espaço possível e, na maioria dos casos, dorme, pelo menos, uma família inteira em um quarto. Os mobiliários dessas moradias são miseráveis e diferenciam-se em escalas até a completa ausência dos móveis, mesmo os mais necessários. O vestuário dos trabalhadores é também geralmente pobre e, na maioria dos casos, esfarrapado. Os alimentos são, em geral, ruins, freqüentemente intragáveis, e em muitos casos, pelo menos temporariamente, em quantidades insuficientes, de tal forma que, no caso extremo, se morre de fome. A classe dos trabalhadores nas grandes cidades oferece-nos, assim, uma escala das diferentes condições de vida — no melhor dos casos, uma existência provisoriamente suportável: para trabalho duro um bom salário, um bom alojamento e uma alimentação que não é inteiramente ruim. Tudo isto, naturalmente, do ponto de vista do trabalhador, é bom e suportável. No pior dos casos, miséria dura, que pode chegar ao desabrigo e morte pela fome. A média, porém, encontra-se mais próxima ao caso pior do que ao melhor. E esta escala não se subdivide em categorias fixas, de modo que se possa dizer: esta fração dos trabalhadores está bem, aquela mal, e assim permanecerá, pois assim já o era desde o sempre. Pelo contrário, aqui ou ali ocorre que um ramo especial de trabalho, em relação ao todo, tenha uma vantagem sobre os demais; sabe-se, em troca, que as condições dos trabalhadores em cada ramo oscilam tanto que a cada trabalhador em particular pode acontecer de viver a escala inteira entre um conforto relativo e a miséria mais extrema, até a morte pela fome, como quase todo proletário inglês sabe contar sobre as marcantes mudanças da sorte. As causas disto, vamos considerá-las agora mais de perto.

¹¹ Weekly Dispatch, abril ou maio de 1844, segundo uma reportagem do Dr. Southwood Smith sobre a situação dos pobres em Londres. (N. de E.)